



ROMA — SANTA MARIA DE COSMEDINOS.

A IGREJA chamada da *bôca da verdade*, pertence a um genero bellissimo de architectura. Do antigo templo, semi-pagão, semi-christão, que obteve aquelle nome, existe uma grande parte *della cella*, formada de grandes massas quadrilateras de marmore e oito magnificas columnas. Conservam-se cinco d'estas na fachada interior da igreja, duas na nave septentrional e uma na sacristia. Interiormente compõe-se de tres naves, separadas por doze columnas de marmore. Os pulpitos em que se liam os Evangelhos, assim como todas as decorações são formosissimas, e no côro vê-se uma grande cadeira pontifical de marmore. O altar-mór, isolado da nave principal, é de uma só peça de granito vermelho do Egypto, e sobrepujado de um baldaquino, sustentado por quatro columnas do mesmo granito.

VOL. II. — 3.<sup>a</sup> SERIE.

Esta igreja, a segunda que em Roma se consagrou á Virgem, chamou-se ao principio *Santa Maria da escola grega*, porque os seus ministros pertenciam a uma confraria grega: uma soberba imagem, trazida da Grecia, testemunha a origem da sua fundação. Assegura-se que S. Agostinho ensinára n'este edificio a grammatica grega: S. Adriano mandou reedificar e enriquecer a igreja, que recebeu o nome de *Cosmedinos*, da palavra *cosmes*, que significa adorno. Por ultimo o povo teimou em chamar-lhe outra vez *Chiesa della Bocca della Verità*, por causa da figura que se observa no fim do perystillo á esquerda, que ainda inspira ás creanças o mesmo temor que os oráculos antigos. A menor suspeita de que mentem ameaçam-nos com a bôca fatal, e isto contem-nas muito em sua natural propensão para faltarem á verdade.

AGOSTO 13. 1853

A fonte, que adorna a deserta praça, deve-se aos desenhos de Carlos Bizzacheri.

Antes do pontificado de Clemente XI o pavimento da praça era muito superior ao nível da igreja; de sorte que para entrar n'esta, era necessario descer uns poucos de degráos.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

### MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

#### IX.

##### *Privilegios dos moradores do castello.*

MORAR em lugar de difficil accesso, cercado com forte cinto de muralhas, fechado e guardado constantemente em som de guerra, é na verdade insupportavel incommodo para todos aquelles, que não professam exclusivamente o mister das armas. Por isso á proporção que diminuia a necessidade, ou o receio da guerra, os moradores das villas, levados do sentimento da propria commodidade, tendiam a desprender-se do recinto dos castellos, e a espriar-se pelos arrabaldes, isto é, pelas encostas, e pelas planicies ou rociós. D'esta maneira se foram a pouco e pouco despovoando os castellos, até ficarem, como hoje estão, alguns de todo, e outros quasi de todo desertos. Pelo que toca a Arrayolos, a pequena área da sua cêrca era além das causas geraes mais um forte estimulo a convidar os habitantes para fora dos muros.

O governo porém, tratando sempre de prevenir-se para qualquer contingencia de guerra, e entendendo que os castellos deviam ser a salvação da terra, não podia levar a bem que a troço de mais algum commodo dos moradores se perdesse a maior força do estado, e se inutilisassem tantos dispendios e tantas fadigas das gerações passadas. Excogitou pois os meios de fazer appetecida e preferida a habitação dentro das cêrcas. Estes meios consistiam em privilegios que melhorassem a condigão dos moradores de dentro em relação aos dos arrabaldes. Por esta razão el-rei D. Fernando, estando em Santarem a 4 de junho da era de 1409, anno de Christo 1371, passou carta, em que concedeu aos moradores da cêrca de Arrayolos os privilegios seguintes. Que não vão com prezos, nem com diuheiros de uma villa a outra; que não guardem prezos em igreja; nem sejam contrangidos para serem tutores, nem curadores; que os que de novo forem morar na dita cêrca não sejam obrigados a pagar as dividas, que fizerem d'aqui em diante, e os outros que já lá são moradores só as paguem por suas rendas, em tal termo porém que lhes fiquem seus mantimentos, por que se possam manter conforme o seu estado. Mais concede e manda que os que moram na dita cêrca hajam os ofúcios do concelho, e os de fora não; que os mancebos e serventes sejam dados primeiramente aos que morarem na dita cêrca, para fazerem seus serviços primeiro que os do arrabalde; que nem os da mercê de el-rei (isto é, os que servem na casa de el-rei), nem dos infantes seus irmãos, nem de outro nenhum, por poderoso que seja, que pouse dentro na dita cêrca com os moradores d'ella, lhes tomem roupa, nem matem gallinhas, salvo quando elle rei, ou os infantes seus irmãos ali forem, ou por especial mandado d'elle dito rei; que todos os serviçoes vão á praça de dentro da dita cêrca em aquelle lugar onde antes usavam de ir; que todas as viandas, que

vão a vender ao lugar de Arrayolos, ou sejam dos moradores da dita villa, ou dos de fora, vão todas á dita praça de dentro da cêrca, e ali as vendam (1).

O menos vulgar de todos estes privilegios é a quita das dividas; mas a soltura e rudeza de costumes d'aquella epocha não sómente admittia os coutos ou asylos por dividas, senão que tambem para toda a qualidade de maleficios. Tanto se haviam propagado esses coutos de malfeitos pelo reino, que D. João I, olhando por isso, os aboliu, menos a Nondar entre Tejo e Odiana, Sabugal na Beira, e Freixo d'Espada á Cinta em Traz os Montes (2). Os coutos de vededores persistiram, e o de Arrayolos não sómente persistiu, mas foi confirmado com os demais privilegios do castello por D. João II, D. Manuel e D. João III (3). E não eram taes privilegios letra morta. Ha muitos exemplos de aproveitarem em occasião opportuna. Assim em 1495 se serviu d'elles João Dias Chiquelho para não haver de ser quadrilheiro. Assim em outras occasiões se aproveitaram os individuos para saldarem suas contas com os credores. Em 1523 vieram para este fim seis familias, e assim nos annos seguintes até 1547. Só no anno de 1540 vieram vinte e tres familias (4). E é de advertir que

(1) Torre do Tombo, liv. 2.<sup>o</sup> de Odiana, fol. 240 v. Esta carta de privilegios foi confirmada por el-rei D. João II em Torres Vedras a 25 de maio de 1493. (Torre do Tombo, liv. 2.<sup>o</sup> de Odiana, fol. 240 v.) Por el-rei D. Manuel, em Estremoz a 24 de dezembro de 1496. (Torre do Tombo, liv. 52 de D. João III, fol. 126 v.) E por el-rei D. João III, em Lisboa a 23 de agosto de 1529. (Liv. id. ibid.)

O documento primitivo, com as confirmações de D. Manuel e de D. João II, está tambem trasladado no cartorio da camara de Evora. Liv. 1.<sup>o</sup> de registo a fol. 189.

(2) «El-rei (D. João I) . . . . . entom fez chamar os do seu conselho, assi como o mestre de Christus, e d'Avis, e outros senhores e prelados, e notificou-lhes as cousas, que em sua casa, e regno correger queria; e todos com o condestabre cada dia postos em conselho ordenaram sobre todo, como lhe melhor e mais serviço seu delle, e proveito do regno pareceu, e falando logo na justiça acordaram . . . &c. . . . . e porque acharom que no regno havia muitos logares coutados, em que se acolhiam os omiziados, que por maleficios faziam, per cujo azo, e mais ousadamente se soltavam os homens a fazer mal, mandarom que nom houvesse outros coutos no regno, salvo tres, que foi achado que eram antigamente, a saber, Antre-Tejo e Odiana Nondar, e na Beira o Sabugal, e Traz os montes, Freixo despada-cinta.»

Fernão Lopes, Chronica de el-rei D. João I, parte 2.<sup>a</sup> cap. 202 da edição de Lisboa de 1644, cotejado com o ms. da bibliotheca publica eborense, (cod.

<sup>ciii</sup>  
1-10) onde este cap. tem o n.<sup>o</sup> de 200

(3) Vide atraz nota 1.

(4) Vide os livros das vereações d'estes annos *passim*. Para amostra porei aqui um auto, dos que se costumavam lavrar n'estes casos.

«Assentamento de Affonso Pires. — Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e quinhentos e vinte e tres annos, aos onze dias do mez de fevereiro do dito anno em a villa de Arrayolos na praça della estando hy Pero Vaz fidalgo, escudeiro e juiz ordinario em a dita villa, perante elle pareceu Affonso Pires, e disse ao dito juiz que elle saira ora a viver e morar dentro na cêrca do castello da dita villa pera gozar e gouvir da liberda-

o privilegio de asylo e couto das dividas valia ás pessoas, que d'elle se aproveitavam, por toda e qualquer parte do reino. Sem embargo d'elle, e talvez mesmo em razão d'elle, a povoação do arrabalde crescia em poder e influencia, e a do recinto do castello minguava em numero e em significação. D'aqui veio certa rivalidade entre uma e outra, até que prevalecendo a influencia da gente do arrabalde (parte verdadeiramente importante da povoação) nas côrtes de Almeirim de 1544 se abrogou este privilegio (5), que todavia só cessou de facto em 1547 (6).

J. H. DA CUNHA RIVARA.

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

*Na Arcadia Elmano Sadino.*

Entre ferros cantei desfeito em pranto!  
Valha a desculpa, se não vale o canto.

V.

O DOUTOR José Thomás Quintanilha era um poeta, que podia reputar-se distincto sem favor, ao qual o proprio Bocage nos dias de paz e concordia da Arcadia qualificára a lyra de milagrosa, exclamando:

Eurindo, caro ás musas e aos amores,  
Das Tagides louçãs cantor mimoso!

As polemicas provocadas pela scisão dos vates separaram-nos, declarando-se entre elles mortal odio. Quintanilha ligou-se com o padre Macedo, e foi um dos mais ardentes propagadores da satyra de Elmiro, que Manuel Maria fulminou na Pena de Talião. Incitado por estes máus officios, Elmano trocou em injurias os louvores, e com injustiça flagrante depriuiu no adversario o merecimento que celebrára no amigo. Como pode elle nunca esquecer, que o *homunculo nojento* (assim escreve), *que o engenhador de miudezas metricas a quem o esquecimento de uma virgula arruinava um soneto*, era aquelle poeta, de quem disse em outros dias, que em verso delcitoso:

Exprime de Hero as lagrimas, as dôres  
Do Audaz de Abydo o transito affanoso,  
E em fofos escarceos Neptuno iroso  
Mugindo, suffocando-lhe os clamores?

de e privilegio della, que os reis passados outorgaram aos moradores de dentro della, e esto por razão de dividas em que caíra. E que pera se saber o tempo que saio pera viver dentro da dita cêrca, que lho fazia assy a saber. E visto pelo dito juiz o dizer do dito Affonso Pires mandou que se escrevesse assy. Testemunhas que presentes foram . . . &c." (Liv. das vereações de 1523, a fol. 9).

(5) Torre do Tombo, liv. 43 de D. João III, fol. 30.

(6) Até este anno se encontram nos livros das vereações autos como o antecedente.

Fazem menção d'este privilegio, e da sua abrogação, Duarte Nunes de Lião, na compilação das leis extravagantes, de 1566, parte 3.<sup>a</sup> tit. dos coutos, fol. 308 v.: e na compilação de 1569, parte 4.<sup>a</sup> tit. 23 dos coutos, fol. 178 v. — José Anastacio de Figueiredo, na Synopsis Chronologica, tom. 1.<sup>o</sup>, pag. 394 e 399. — Memoria sobre behotrias, honras e coutos, entre as de litteratura da academia real das sciencias de Lisboa, tom. 2.<sup>o</sup>, a pag. 179.

Como affirma depois d'isto Bocage, que Eurindo o aborrecia por nunca *lhe gabar os seus nada*s? O elogio anterior cunhado com tanta força não lhe saltaria aos olhos mesmo no momento, em que a paixão lhe dictava o insulto e a iniqua apreciação? Este foi sempre o defeito moral do grande poeta. Julgava-se dictador e supremo arbitro; cuidando que nas balanças desiguaes do seu capricho podia conceder ou negar as corôas. Aos emulos e contrarios não descobria senão indigencia mental e incapacidade metrica; aos affeigoados e fieis não permittia senão um lugar humilde nos degraus do throno, em que se figurava, trovejando superior, com o esplendor de um deus!

Eurindo portanto pagou em rimas cruentas a pena da sua antiga elevação. Os elogios converteram-se em vituperios; e o soneto despedido pela raiva vôou contra elle da bôca de Elmano.

Esse cantor de chá, manteiga e queijo,  
Rato, que rõe do Caldas a gimbancia,  
Pygmeu, de insupportavel arrogancia,  
Que morde mais que pulga ou persovejo;  
Acceso no frenetico desejo  
De exceder dos Quichotes a constancia,  
A' frondosa Fayal mandou com ancia  
Atado em verde fita um triste beijo.

O resto é um grosseiro chasco, indigno do auctor da Medeia e do Trifão. Estava escripto, que Elmano, capaz de subir á mais elevada esphera, quebrasse o vôo com as paixões, e se abatesse aos pantanos da allusão torpe, em que a obscenidade sepulta a graça! Quintanilha podia rir-se da injuria e do epigramma. O fio de ambos não o cortava a elle, mas á mão, que os jogou. Depois, em resposta á diatribe bastava-lhe citar o nobre poeta Bocage contra o furioso Elmano. Não sabemos se o fez; mas é certo que entre os dous, conservando-se a aversão, apparecem poucos encontros. Nunca passaram de escaramuças.

Não succedeu o mesmo com o abbade de Almoster, o padre Joaquim Franco de Araujo, Corydon Neptunino, auctor da tragedia Sesostris e do Rei Egypcio, e traductor distincto dos Idilios de Gesner. Dotado de talento singular, e de grande facilidade em poesias ligeiras, Franco não era poeta que se acobardasse com os tiros de Manuel Maria, ou que deixasse de lhe responder. O combate pois travou-se renhido de parte a parte, e se a victoria final pertence ao cantor de Leandro e Hero, não é já pequena vantagem do abbade ter-lh'a sabido disputar.

Em uma epistola, empregando o anagramma de *Gecabo*, o abbade de Almoster pôe Bocage em scena, como rimador famoso da sabia padaria, corôado de malvas, carrasco e ortigas. Tocando os defeitos do repentista, e exaggerando-os, Franco, sem negar o raro engenho do seu adversario, insiste em lhe avultar o ciume, a intolerancia e o orgulho, em côres que são fieis, posto que assanhadas. Alguns rasgos deviam doer profundamente a Elmano pela verdade, que os dictou. A queda maledicente do genio; o tom desprezador com que alludia aos outros; e os louvores bombasticos de si mesmo, foram desenhados com graça pelo auctor de Sesostris, que se metteu sem receio entre as victimas da inclemencia do censor para melhor o retractar. Eis alguns trechos:

Gecabo pois, o grão Gecabo, novo  
E sublime Quichote d'estas eras,  
Despotico sultão da poesia  
Que a todos fere e só a si perdoa

Que antes da bôca quer perder um dente  
Do que o fel de um soneto contra um homem...

Ouvindo que uma ode eu repetira,  
Franziu o beigo, enverrugou a testa,  
E saíu d'esta tripode cumana.  
Este cruel oraculo ou sentença:  
— «Disse versos o *Franco*!! pobre moço!  
Bom rapaz, bom rapaz! porém de versos  
Nada pesca, coitado! enthusiastou-se  
Co'a sem sabor tragedia de Sosostris  
(Tragedia que entremez chamarei antes)  
Que imprimiu mui contente, e quer por força  
Matar a gente com seus frouxos versos.

Não se pôde contestar que era merecida a critica, e tirados leves lapsos, fino o pincel que a delineava. Manuel Maria sentiu-se, indignou-se, e ardendo em ira, cunhou de improviso contra Franco um dos seus mais bellos sonetos satyricos. Que animação, que fogo, que chiste cortante, inspiram do principio ao fim este poema tão curto pela fórmula, tão robusto e cheio de sentido pela cholera! Começa abrupto, por uma asserção audaz; e a torrente despenha-se e brame sem parar até ao epigramma com que o ultimo terceto fecha aticamente.

O mundo a porfiar que o *Franco* é tolo;  
O *Franco* a porfiar que o mundo mente!  
Irra! O padre vigario é insolente!  
Raspem-lhe as mãos e ferva-lhe o carolo!

Da brilhante razão jámais o rolo,  
Lhe entrou no casco, lhe raiou na mente;  
Mas como a natureza é providente  
Com a basofia suppre-lhe o miolo.

Ora, vão trovador do heroe do Egypto,  
Tu não ouves, não vês o que se passa  
A'cerca dos papeis que tens escripto?

A cópia de Gesner deu-se de graça:  
Psyche jaz de capella e de palmito:  
Sesostris infeliz morreu de traça.

Outros muitos versos armados de farpas lancetantes seguiram estes. Elmano esquecia difficilmente, quando a offensa o penetrava no amor proprio. O abade, ainda que inferior, tambem não recuava, embora a dôr dos golpes o avisasse de que a lucta, para elle desigual, era com um gigante. Assim continuaram pois, sempre com as armas cruzadas, sempre dominados de aversão mutua, sem que nos seja possível conhecer se por fim ajustaram treguas ou vieram ao abraço da paz. Nos derradeiros tempos parece-nos porém que as hostilidades abrandaram mais, senão minorou o odio.

Mas a grande batalha deu-se com dous rivaes mais fortes, e que pelos dotes do engenho, e pela facilidade da satyra podiam sustental-a com valentia peito a peito. O maior episodio das guerras da Arcadia foi o duello de Bocage com o padre José Agostinho, a todos os respeitos perigoso para inimigo. Curvo Semedo, com quem do mesmo modo trocou algumas estocadas metricas, excitadas pela rivalidade ciumenta que devorava a ambos, tambem não era homem para se deixar escarnecer impunemente. Com elles, os triumphos tornavam-se arduos, e a sorte muitas vezes podia vacillar. Bocage assim o entendeu; e por isso esgotou na defeza e na aggressão todos os recursos de um talento, ao qual ninguem soube nunca medir o terreno, porque realisando a

antiga fabula, de cada ferida, e a cada encontro saía mais viril e mais temperado.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.



VASO ANTIGO, POR MR. ROSE.

No DIA 12 de maio do corrente anno abriu-se em Dublin a grande exposição de industria, n'um magnifico edificio para esse fim expressamente construido, á imitação do esplendido palacio de cristal, em que se celebrou a exposição universal, na qual a nossa industria alcançou não pequeno triumpho.

Na impossibilidade de descrever extensamente aquella exposição, por que isso nos roubaria um espaço, que temos dedicado a outros objectos que mais directamente nos interessam, limitamo-nos a apresentar a gravura, que vae á frente d'estas linhas, e que representa um vaso, no estylo antigo, de precioso trabalho, e elegantes fórmulas, que ali foi apresentado por mr. Rose & Companhia.

Talvez que ainda passámos dar alguns desenhos de outros artefactos, igualmente curiosos, que recomendamos á attenção dos nossos artistas, cuja proficiencia e habilidade é geralmente reconhecida.

## ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

### CAPITULO XX.

O coração do rei.

Os sinos de Santa Cruz no arrabalde, e os da Sé, edificada pelo bispo Miguel e Affonso Henriques,

repicavam alegremente annunciando a Coimbra a cerimonia da coroação. O céu e a terra, banhados de luz, mostravam um ar de festa, que dizia harmoniosamente com a pompa e o jubilo da corte portugueza. A rainha da Beira é famosa pela belleza dos seus campos; e n'este dia a mais namorada primavera reclinava-se a sorrir no regaço de viçosas flôres. Á beira do Mondego, ainda caudaloso, a aragem doudejava descabellando os ramos dos salgueiros, e inchando a vella das esguias barcas, que subiam ou desciam; e á popa e de pé os galliotes trocavam com o vulgacho das margens os chascos usuaes. No perpassar dos leves botes disparava-se a salva de gracejos brancos com que ainda hoje no patrio Tejo vemos saudarem-se os pittorescos tritões de um bordo ao outro.

A cidade uns poucos de dias coberta de lucto, arrancando-se aos braços da tristeza, respirava viva e alvoroçada na atmosphera do prazer, e com deleite sorvia os perfumes dos seus jardins. Vistosa e apertada pelo cinto de torres e ameias, Coimbra mirava-se com o orgulho de formosa no espelho, que o Mondego arqueava além da ponte; e parecia desafiar as galas naturaes, e as que o artificio e os thesouros iam ostentar nos reaes festejos.

Erguendo-se para o monte aonde estava a alcaçova, os olhos eram deslumbrados no bairro coutado dos ricos-homens pelo matiz esplendido das soberbas vestes guerreiras e palatinas, pelo reflexo metalico das armas, e pela floresta de pendões quarteados que se desdobravam lentamente. Os cavallos com jaezes de grande preço, mastigando freios dourados, e escarvando o chão, rinchavam impacientes. O jogar das grevas e canelleiras; o tinir da espada e espóra; a voz breve e sonora dos cavalleiros; e o murmurio dos peões e homens-d'armas, formavam esse ruido longo e abafado, que é como vaga sonora, e que precede sempre as grandes batalhas, ou os actos publicos, indicio e prova, ao mesmo tempo, da energica e robusta vida popular.

As ruas estreitas, enredadas por entre as casas, que a opulencia da corte fazia crescer, umas conservando ainda as feições arabes, outras arremedando já e grosseiramente o estylo hoje chamado gothico, viam-se apinhadas de povo. Aqui eram os burguezes, passando rapidos com o saio escuro e a capa negra. Além desfillavam os bésteiros do concelho com o guarda-cóz verde, e aljava affivelada sobre o hombro. Pelo meio das espessas mós populares, em os fogosos corseis, rasgavam tortuosas fitas os pagens partindo a trote, gentis com as cottas bordadas d'ouro e as toucas coroadas de plumas brancas. Uma cavalgada arrancava a toda a brida, resplandecendo ao sol as lanças aprumadas dos homens-d'armas. Um cortejo, mais pacifico, seguia as nedias nullas, ornadas de ricas gualdrapas carmezins franjadas d'ouro, que a passo lento conduziam os reverendos prelados da Igreja, cujos habitos fastuosos destacavam das samarras dos clerigos, e mesmo das murças e tunicas dos conegos. No meio d'este prestito variado, e ainda raras, já appareciam com tudo as garnachas talares dos «mestres das degretaes» ou legistas, menos importantes n'este seculo, do que o foram nos posteriores.

Donzellas com as tranças soltas e entretécidas de boninas; mulheres viúvas ou casadas com os cabellos apanhados em coifas de rede; umas esbeltas, estouvadas, e brincando no ardor dos verdes annos; as outras serias, compostas, e quasi beatas, para representarem o papel de matronas; riam, acotovelavam, e saltavam como borboletas, ou como abelhas, por entre os maciços de curiosos, que as recebiam

com benções, ou com pragas, segundo pedia a formosura, e a idade das viajantes.

Mais adiante uma pinha de marinheiros e couteiros entretinha-se a dizer chufas aos escravos forros, a beliscar e pizar os judeus apenados para as follias, e a rosar maldições contra os mouros meios trajados á africana. Tudo isto compunha um vulto immenso e indelineavel, que se torcia como serpe variegada desde as ribas do Mondego até ao outeiro eminente do alcacer.

É que tinha raiado finalmente o dia aprazado por Affonso II para cingir a corôa, diadema de ferro no elmo do primeiro rei portuguez. Essa corôa, que a espada leoneza e o alfange do Islam tantas vezes feriram sem a poder quebrar, o neto de Affonso Henriques queria não a expôr aos combates da fronteira, mas havia invocal-a nas inglorias contendidas em que o seu reinado se consumiu. O aspecto do herdeiro de Sancho I era melancolico. O cavado das rugas frontaes, e o sombrio véu que descia com o sobrolho carregado sobre a vista, indicavam os cuidados de rei, e os espinhos do throno. O ciume do poder real, feição principal do seu governo, traduzia-se no modo sobranceiro com que recebia os ricos-homens e os prelados da Igreja.

As antigas ceremonias da coroação dos reis godos eram solemnes e augustas. Expectaculo proprio para infundir respeito, saudava-se n'ellas o principe com as aclamações dos que devia reger, e ungia-se com o oleo sagrado de David em nome do Senhor dos imperios. O principio electivo, caído em desuso quanto á essencia, ainda se guardava nas fórmas, como costume de tempos remotos. Os indomaveis guerreiros do norte já não alevantavam no broquel outro soldado como elles, proclamando-o como chefe no arraial semeado de cadaveres, e á luz da manhã. Esse uso das guerras vivia apenas na tradição para cercar o principio hereditario da religião das antigas glorias. Nas Hespanhas o rei não morria; e o monarcha reinante entrando para a sepultura, não deixava a corôa vaga á espera do heroe, ou do ambicioso, que a havia de colher dos agrados da fortuna.

No terreiro que se alargava diante da levadiça da alcaçova os juizes e sobre-juizes atravessavam a ponte e subiam á pressa as escadas. A'toada das trompas e anafis respondia o brando soar dos laudes, acitharas, e violas dos menestreis. Pelos terraços das torres e pelo adarve das ameias os capellos d'ação luzente, as cervilheiras de malha, e os arnezes dourados fulgiam no meio das plumas de côres e dos tabardos bordados, e por entre os epitogios e garnachas esplendidas das damas, e dos sumptuosos vestidos dos officiaes palatinos que se avistavam da cou-raça e do terreiro contiguo, aonde zumbia o enxame popular esperando a saída do cortejo.

Quem d'ahi estendesse os olhos para o outeiro, que se curvava gracioso com a cathedral no dorso, abaixo das torres quadrangulares e das setteiras abertas na grossa muralha, descubria um oceano de cabeças, que se agitava, e crescia como as vagas, refugiando e remoinhando depois em volta da follia judenga, ou da dança mourisca, bailadas ao som de adufes e doçainas nos logares designados. A raça de Israel com as feições duras e proeminentes, caracteristicas do povo proscripto, e a raça arabe de côr baça, olhos brilhantes, e gesto aspero, contrastavam com a belleza regular de algumas das hourís da communa moura, e com a formosura admiravel das filhas de Sião, que choravam no desterro colhendo as rozas do Mondego, lindas como as do Saron tão celebradas.

Em fim o mais profundo silencio succedeu ao bor-

burinho popular. A cerimonia começava. Escoando-se para as estreitas viellas a multidão retirava-se para deixar o caminho desembaragado ao prestito. Trepados nos eirados das casas, ou a cavallo nos parapetos que rematavam a beira dos felhados esguios, uns marinhando pelos columnellos para se encarrapitarem nas alpendradas, outros, (e eram os ditos) formando piuhias de cabeças e de caras nas frestas e portaes, os homens do povo, os burguezes, toda a gente em fim da leal Coimbra apurava a vista e affava o ouvido para não perder uma palavra, nem uma figura sem exame. Como os reis não morrem todos os dias, os populares gozavam d'aquelle espectáculo com o prazer que dá a novidade, e bastantes anedoctas e commentarios se enthesouraram n'aquella manhã para divertimento das goutes invernosas, e desafogo das comadres e visinhas, senadoras no seu bairro.

A precissão do auto ia saindo do adro da Sé. D. Pedro, bispo de Coimbra, o do Porto D. Martinho, e Pedro, arcebispo eleito de Braga, com os coadjutores do cabido e os abbades das ordens benedictinas e cisterciense encaminharam-se vagarosamente para o alcacer. Acompanhavam-nos muitos ricos-homens seguidos de donzeis montados nos seus cavallos de batalha. Quando chegaram á barbacã, a levadiça tombou de pancada, e as lanças dos sentinelas inclinaram-se com respeito. As mitras dos bispos, cravejadas de joias, assentavam em fronte não menos altivas, do que as dos guerreiros. As vestiduras regagantes dos prelados, trajando de pontifical, o seu olhar firme, e o baculo que nas suas mãos era ousado como a lança, davam-lhes magestoso aspecto, e attrahiam-lhes temor e reverencia. Quando entravam no terreiro exterior assomou el-rei á varanda, e dirigindo-se para o largo patim da escada, desceu os degraus, e veiu curvar-se diante do eleito de Braga, para ouvir a breve oração que elle pronunciou. Depois, levando á direita o bispo de Coimbra, e o do Porto a esquerda, sobre os pallios dos quaes pendiam preciosos relicarios, tomou com passo firme o caminho da cathedral. Os ministros levavam altas as duas cruces de prata, em quanto os thuribularios incensavam com aromas de grande preço o livro dos Evangelhos, posto sobre uma almofada de brocado de ouro. Os clérigos e monges estendiam-se em duas compridas alas até onde os senhores e cavalleiros, seguidos do povo, fechavam o cortejo. Um dos dois coros cantava: — *Ecce mitto Angelum meum*; o outro respondia: — *Israël si me audieris!*

Ao chegar ao adro o arcebispo abençoou o principe, repetindo a bella oração: — *Domine salvum fac regem!* De frente do coro D. Afonso despindo as armas deu as mãos aos dois bispos, e no meio d'elles subiu os degraus do altar por cima de ricos tapetes, e coberto por um docel de tapeçarias orientaes. Ahi, com a face no chão e os braços em cruz, juntamente com os prelados, ouviu a invocação dos doce Apostolos, dos Martyres, e dos Confessores, para o céu permittir que os dias do seu reinado fossem largos e ditosos.

Erguendo-se então, o arcebispo eleito virou-se, entre o clero, ricos-homens e populares, para o novo rei, e perguntou-lhe: — *Guardareis a religião de nossos avós, e a firmeza de nossos fóros?*

— *Assim o juro!*

— *Defendereis a Igreja dos seus inimigos, e com justiça prometteis governar o reino como vossos paes?*

— *Assim o juro!*

O prelado voltou-se depois para a multidão, que não cabendo no templo se derramava pelo adro e terreiro, e em voz alta acrescentou:

— *Quereis para rei a D. Afonso, herdeiro de D. Sancho, e neto de D. Afonso Henriques?*

Do meio dos senhores e do povo rebentou unanime o grito:

— *Sim! Que reine sobre nós e nossos filhos!*

Resoaram as trombetas e atabales em hymno festivo, o clero entoou um cantico d'esperança, e as acclamações, repetindo-se estrondosas e vehementes, foram morrer ao longe nas torres da alcaçova.

Seguiu-se ajoelharem todos em quanto o eleito de Braga, tomando a redoma do oleo no meio das orações rezadas dos dois bispos, ungiu as mãos, o peito, e a cabeça do novo monarcha, dizendo ao mesmo tempo:

— *Sê abençoado como em Israel os reis e os juizes.*

Ao cingir-lhe a adaga ajuntou: — *É a espada da justiça.* Ao vestir-lhe a armadura disse: — *São as armas da fortaleza.* Offerecendo-lhe o sceptro e o baculo o metropolitano exclamou: — *Eis a vara da virtude!* e inclinando-se a pousar-lhe o diadema na cabeça, concluiu: — *Entrego-te a corôa dos teus reinos. O Senhor te exalte na sabedoria, e no throno te conceda para gloria da fé a victoria das armas!*

Com a corôa na fronte, e o sceptro na mão D. Afonso entre os prelados desceu do altar para o solio regio no meio do coro — *Desiderium animæ ejus tribuisti ei, Domine!* Ahi o arcebispo clamou: — *E o throno dos reis teus antecessores. Deus te firme n'elle e te faça participar depois da gloria nas alturas.* E dando-lhe na face o osculo da paz, rompeu o hymno *Te Deum laudamus*, ao som das mais estrepitosas acclamações.

A missa solemne começou depois. Ao levantar da hostia sentiu-se algum rumor no adro da Sé. Um velho de elevada estatura entrou no templo pelo braço de um donzel. A esclavina de lã grosseira e o bordão tosco mostravam ser um peregrino da longa romaria da Terra Santa. Fitaram-se n'elle os olhos, mas os seus, róxos e embaciados, ficaram immoveis. Encostou-se a uma columna, e com os braços caídos e o rosto baixo, esperou que a função se acabasse. Já o rei se levantava, já adiante d'elle a multidão principiava a romper pelos portaes e a espraia-se no terreiro, quando, erguendo a cabeça em sobresalto, o romeiro gritou ao donzel:

— *El-rei, aonde está el-rei?* E por entre o tropel do povo veiu ajoelhar nos degraus do solio que Afonso II descia já a esse tempo.

— *Está aqui o novo rei?* dizia elle.

— *Quem é este homem?* perguntava o monarcha, e repetiam os prelados e cavalleiros. Em todo o ajuntamento notava-se uma especie de tumulto causado pela estranheza do acontecimento.

(Continúa.)

#### INSCRIPÇÕES SEPULCHRAES.

Se pelas obras, ou monumentos artisticos, que em qualquer paiz se offerecem ao exame e á contemplação do estrangeiro, que fôr justo avaliador das verdadeiras riquezas do genio e do bom gosto, se conhece o estado de perfeição, o atraso, ou a decadencia das artes; deixando-se ver o engenho, ou a força de uma imaginação creadora, não tanto nas grandes obras de elevada execução; como nas de construcção de um genero mediocre, onde a elegante simplicidade, a solidez e a ordem sobrepujam muitas vezes quaesquer outras bellezas, ainda que estas

avultem em maior gráu: se por esta escala avaliarmos o progresso das mesmas artes; tambem o campo da litteratura nos apresenta variados meios de regular nas diversas nações os gráus de apreciação ou de decadencia das letras, isto é, as phases, porque tem passado a sua cultura. Dado este principio, essencialmente verdadeiro, fazemos chamar de novo a attenção do publico para um objecto, que, posto que pareça de limitada importancia, comtudo não concorre pouco para esse bom ou desfavoravel juizo, que possa fazer-se do estado da instrucção publica, mesmo nos seus menores elementos; quando é certo, que ao poder publico cumpre generalisal-a, e difundil-a por todas as classes da sociedade.

Todos, que têm visitado os dous cemiterios do Alto de S. João, e dos Prazeres (sendo a denominação d'este só tolerada por antiphrase) terão notado, lendo alguns epitaphios, gravados nas bases, ou pedestaes dos mausoleos, nas columnas, ou pilastras: 1.º Erros crassos em orthographia, e em grammatica: 2.º Exagerados encomios, que não só excedem os limites de toda a modestia; mas que até, por hereticos, se oppõem á pureza, e á santidade da religião que professamos. Quanto aos primeiros, sabemos, que são nascidos da ignorancia, tanto dos artistas ou canteiros, que materialmente gravam na pedra tudo quanto lhes mandam, como (e ainda mais) d'aquelles, a quem pertence a propriedade do terreno, e o direito de erigir sobre elle luctuosos monumentos, e de fazer gravar n'estes os respectivos epitaphios, ou inscripções sepulchraes, tanto em prosa, como em verso: e quanto aos segundos, apenas os podemos desculpar, como ditados pela dôr excessiva, que tudo hyperbolisa, ultrapassando os ditames da reflexão, e d'um são juizo.

Sabemos, que a digna camara municipal tratou de providenciar sobre este assumpto, ordenando que não pudessem ser gravadas essas inscripções sem previa licença; talvez lembrada do que na França fôra recommendado em 1842, por determinação do conselho de estado de 9 de janeiro, consistindo esta em encarregar os maires, e os perfeitos da fiscalisação na redacção, ou composição das inscripções gravadas nos cemiterios sobre os tumulos, e monumentos funebres; já se vê com o fim de evitar as faltas, que acima notámos.

É pois manifesta a conveniencia de pessoas idoneas especialmente encarregadas, na qualidade de censores, do exame previo de todas estas inscripções. Certamente quanto á sua fórma e redacção, seja-nos permittido reiterar as nossas ponderações; justos motivos a isso nos obrigam; sendo possivel, a respeito de algumas, que se acham já gravadas, reformal as; para o que deveram ser avisadas as pessoas interessadas, esperando da sua docilidade as modificações, que lhes fossem indicadas. Bastará apontar a seguinte (sem querermos ir offender a susceptibilidade alheia) para justificar o objecto da nossa instancia: — *Monumento, que mandou erigir á memoria de . . . . . o seu mais indigno marido F. . . . .* — Longe de fazer associar luctuosas idéas, e sentidos pezares, só dá azo a que a malicia urda interpretações, que importam a zombaria, ou o menospreço do que nos cumpriria acatar com respeito e até religião.

Por esta occasião tambem recommendámos a conveniencia de se mandarem inspecionar com minucioso exame todos os *disticos, letreiros e rotulos* de lojas, officinas, armazens e bazares; porque muitos, além de apresentarem erros orthographicos, offerecem motivo bastante para desafiar a curiosidade e o rizo pela extravagancia do seu enunciado: a respeito d'este e de outros objectos não milita o dita-

do latino — *De minimis non curat Prætor*. O cuidado, e a verdadeira fiscalisação, quer na policia em todos os seus ramos, quer na administração publica, devem descer aos seus menores detalhes e especialidades.

J. C. DA SILVA.

#### MONUMENTO ARTISTICO.

##### *Reparação do tecto da igreja do antigo convento dos Paulistas.*

QUANDO por diferentes vezes, e pelo espaço de uns poucos de annos, ouviamos fallar em reparar-se o tecto da igreja do antigo convento dos Paulistas (onde actualmente se acha a freguezia de Santa Catharina) e as encontradas opiniões que se formavam a respeito d'esse monumento da arte de estuque em relevo, de que existiam ainda os apreciados restos; sentiamos (permitta-se-nos dizel-o) umas vezes gelar-se-nos o sangue nas veias, outras abraçar-nos com o calôr febril que nos faziam experimentar as barbaras sentenças de muitos, que, ou menos instruidos para apreciarem o que é bom, raro e difficil nas artes, ou seguindo as impressões da epocha, e atacados dos influxos da demolimania d'estes nossos tempos, votavam a destruição, e a substituição por estuque lizo dos mais bem acabados quadros n'esta especie de trabalho.

Não era porém sómente o apreço em que tínhamos o precioso trabalho dos quadros que ornavam o tecto da igreja, a que nos referimos, o que nos fazia repudiar a idéa da destruição de tão excellente obra d'arte; senão tambem a recordação de que os mesmos quadros attestavam a presentes e vindouros uma verdade, que muitos desconhecem, e outros negam; e vem a ser, o adiantamento em que a arte de estuque se achava em Portugal no anno de 1756, que foi quando começou a restaurar-se o tecto d'esta igreja, arruinado pelo terramoto do anno antecedente.

Tem-se querido lançar o stigma á presente epocha, appellidando-a de *destruidora*; e com quanto, infelizmente, algum motivo tenha havido para isso, outras razões ha, e bem attendiveis, para que se cognomine de *reparadora*; e sem citarmos muitos exemplos, que poderiam servir de dar mais força á nossa asserção, diremos sómente que poucos são os templos dignos de reparação, pelo seu valor artistico, que não tenham sido modernamente reedificados, reconstruidos e concertados. Vejâmos o que succedia em epochas mais remotas, que tantos allegam para desdourar e deprimir aquella em que vivemos.

É sabido que o convento dos Paulistas, casa filial do mosteiro denominado dos monges da Serra d'Ossa, foi construido no reinado do senhor D. João IV de saudosa memoria, concluindo-se por 1671, com a fórma que presentemente se lhe observa, pouco mais ou menos: o terramoto de 1755 damnificou este templo, como quasi todos os de Lisboa; e por esse motivo tratou-se da reparação da igreja, levantando-se-lhe mais o tecto, e construindo-o pelo modo que ainda hoje se vê em grande parte. Em um dia que estava, segundo se diz, administrando o sacramento do Chrisma o bispo de Bragança, que tinha sido frade da ordem dos Paulistas, e prégador regio, o doutor Fr. José Maria, caiu parte do estuque do cruzeiro, e um pedaço quebrou a cabeça de um dos devotos que ali se achava para receber o sacramento que o bispo administrava. Pois em vez

de restaurarem aquelle estuque, segundo o gosto da igreja, pelo contrario deitaram abaixo o que ainda existia no cruzeiro, e o substituiram por estuque lizo: e o mais é que esteve ameaçado todo o do resto (corpo da igreja e côro) de ser igualmente demolido, e substituído por estuque lizo! . . .

Tempos felizes eram aquelles, diz muita gente, que censura tudo o que hoje se não faz, e critica tudo quanto vê fazer! E todavia n'esse tempo deitou-se abaixo o estuque de relevo, e esteve, como acima dissemos, ameaçado o resto de sorte igual. Succederam-se os annos; o tempo foi augmentando a ruina; e algumas vezes ouvimos votar aos tão apreciados restos do tecto do templo sentença semelhante á que os frades tinham proferido e executado em parte d'elle: felizmente, porém, o systema do *bota-abaixo* não prevaleceu d'esta vez.

Entretanto, como se encontrasse resistencia em consentir na destruição do que até os leigos na arte admiravam, os mal intencionados espalharam a voz que não havia em Portugal, quem estivesse nas circumstancias de restaurar aquelles excellentes quadros, deduzindo d'ahi a necessidade de levantar mão de semelhante proposito, substituindo-os por uma simples pintura, o que, nas acanhadas intelligencias d'aquelles criticos de vista curta, era muito mais economico; como se a verdadeira economia consistisse em deixar cair a pedações obras que custaram milhões, para se pouparem alguns reaes, que se gastariam em as resguardar ao menos das injurias do tempo!

Por fortuna puderam vencer-se as difficuldades, que na maxima parte haviam sido creadas por tão miseraveis enredos, e em 1849 foi mandado reparar o tecto da igreja dos Paulistas, que se abriu novamente ao culto em 29 de junho ultimo.

Honra seja feita ao ex.<sup>mo</sup> inspector geral das obras publicas, a quem se deve a conservação d'este monumento artistico. Honra ao sr. Feliciano de Sousa Corrêa, architecto da repartição das obras publicas, que fez o orçamento, e dirigiu a execução dos desenhos, feitos por seu filho, o sr. Valentim de Sousa Corrêa, tambem architecto commissionedo na referida repartição, os quaes, a despeito de toda a especie de estorvos, conseguiram realisar os seus desejos, sustentando sempre que havia artifices mui habéis em Portugal, e especialmente na repartição das obras publicas, taes como o sr. José Maria Cagianí, que dirigiu a obra de estuque de ornato, e os srs. Joaquim Antonio Ribeiro, Antonio Jacinto da Rocha, José Carlos Pereira Lopes, Raphael da Silva Castro, Bernardino Augusto dos Santos, e Augusto Alves Fernandes, que executaram como estucadores ornatas todo o trabalho que ultimamente ali se fez.

Na reparação do tecto da igreja dos Paulistas, que agora podemos admirar em toda a sua perfeição, não chegou a gastar-se um anno; e elle ali está patente como um documento glorioso de que as artes entre nós ainda contam dignos cultores, em que peze a estrangeiros ignorantes, e a portuguezes estrangeirados! Duas epochas ali se confundem; nenhuma envergonha a outra; e estamos certo que se aquelles a quem se deve o primitivo trabalho, pudessem resuscitar, bem diriam os que souberam salvar a sua obra do olvido, honrando assim a epocha actual e a nação a que pertencem.

F. C.

— O homem avezado ao crime, pensa vêr nos outros o seu retracto.

M. CARVALHO — APHORISMOS.

EXPERIENCIAS QUE PÓDEM TENTAR-SE PARA IMPEDIR, CURAR OU ATTENUAR O MAL DAS VINHAS.

1.<sup>o</sup> Regar de *chuva* simplesmente com agua, em dias de calor e sol, e duas vezes ao dia, ao amanhecer e ao anoitecer.

2.<sup>o</sup> Regar com agua salgada (ao amanhecer e anoitecer); experimentar diversos graus de diluição desde

1/4 libra de sal  
5 almudes de agua.

3.<sup>o</sup> Regar com uma lixivia de cinzas de vides, muito mais fraca do que a empregada para a roupa, por exemplo:

100 arrateis de cinza  
1 pipa de agua.

4.<sup>o</sup> Regar com uma solução preparada do modo seguinte:

2 libras de enxofre  
1 libra de cal virgem  
1 almude de agua.

Ferver até a dissolução; e diluir em uma pipa de agua.

5.<sup>o</sup> Regar com uma solução de chloreto de cal de commercio, composta de

1 parte de chloreto  
1000 partes de agua.

6.<sup>o</sup> Regar com uma solução composta de

1 parte de alcatrão  
3 partes de soda da Verdelha.

Ferver até á dissolução, e diluir com 500 partes de agua.

7.<sup>o</sup> Dispôr na vinha panellas com alcatrão de hulha convenientemente distanciadas, e expostas aos raios do sol.

8.<sup>o</sup> Fumigar, accendendo alcatrão de madeira do mesmo modo.

9.<sup>o</sup> Fumigar com alcatrão de madeira do mesmo modo.

10.<sup>o</sup> Desfolhar quasi inteiramente; e cortar todos os sarmentos que não tiverem cachos.

11.<sup>o</sup> Esta mesma experiencia simultaneamente com *cada uma* das que precedem.

12.<sup>o</sup> Fumigações de chloro como as que se fazem nos hospitaes.

13.<sup>o</sup> Fumigações d'acido sulfuroso, queimando as mesmas mechas que servem para enxofrar as vazilhas, ou simplesmente enxofre bruto, que poderá commodamente dispôr-se em tijellas ou cacos de barro.

## II.

1.<sup>o</sup> Sangria.

2.<sup>o</sup> Incisão e em cima emplastro de sal marinho.

3.<sup>o</sup> " " de alcatrão.

4.<sup>o</sup> " " de cal (cautella).

5.<sup>o</sup> " " de flôr de enxofre.

N. B. Convem que se destine um pé de vide para cada experiencia, e que se observem cuidadosamente todos os phenomenos.

— Póde chegar-se á liberdade por dous cominhos: pela moralidade e pela instrucção. Mas quando a moralidade e a instrucção faltam ao mesmo tempo; quando se não póde ser nem republicano ao modo de Sparta, nem republicano ao modo dos Estados Unidos, a liberdade poderá ainda conquistar-se, mas não se ha de saber guardar.

— Ha mendigos que vivem das enfermidades que affectam: ha homens que especulam com tudo, ate com o proprio desprezo.

CHATEAUBRIAND.